

0 4 FEV 1994

Os buracos e o queijo

EMERSON KAPAZ

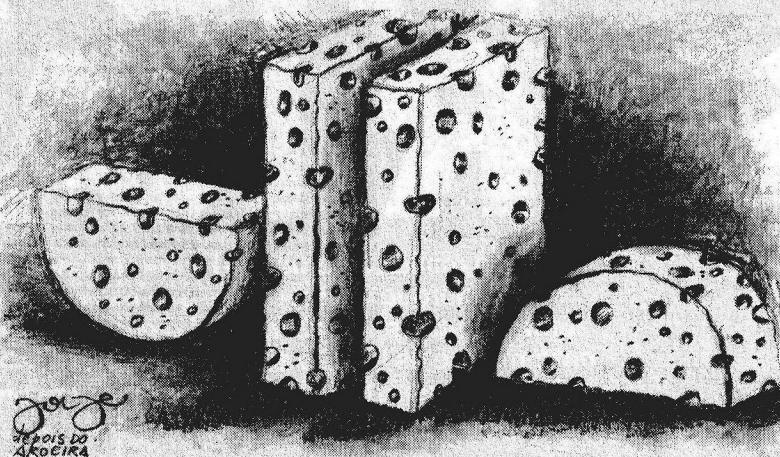
JORNAL DA TARDE

Os acontecimentos dos últimos dias mostraram a enorme responsabilidade que o Congresso Nacional tem sobre os destinos do País. A revisão constitucional e o plano de estabilização econômica poderão se transformar em marcos históricos, caso o Congresso consiga se articular para exercer todo o poder de que foi investido nas urnas.

Entusiasmado com essa perspectiva, visitei o Congresso no dia 1º de fevereiro. A sensação que tive foi semelhante à de um soco no estômago, daqueles de tirar o fôlego. Em vez de uma produtiva sessão de votação e acalorados debates nos corredores, deparei-me com um punhado de congressistas formando rodinhas no plenário, os corredores vazios e os gabinetes repletos de congressistas que procuravam obstruir os trabalhos.

Naquele dia, o relator da revisão constitucional não escondia seu pessimismo e o ministro da Fazenda ameaçava demitir-se caso as lideranças partidárias não conseguissem a aprovação do Fundo Social de Emergência.

Refletindo no vôo de regresso, concluí que minha viagem não havia sido em vão. Importantes lições sobram desses episódios. Em primeiro lugar, o Congresso precisa articular-se melhor e cada vez mais rapidamente. O Poder Legislativo parece não haver se dado conta de que ele exerce efetivamente uma parcela do governo no País.



É DEVER DA SOCIEDADE CIVIL PRESSIONAR O CONGRESSO PARA QUE ELE SE PRONUNCIE AGILMENTE QUANDO PRECISO

No caso do plano de estabilização, por exemplo, o Executivo preparou medidas para zerar o déficit público e as enviou ao Congresso. Tais medidas, a rigor, já deveriam ter sido aprovadas em dezembro, criando em janeiro o clima propício de calma para a introdução negociada da URV em fevereiro.

Há um dado característico do governo Itamar que aumenta ainda mais a responsabilidade do Congresso. Itamar já demonstrou não ter o temperamento do presidente autoritário, que vai governando sozinho na base da imposição de medidas provisórias. Até por conta do temperamento de Itamar, o Congresso precisa se articular para bater o martelo na mesa e

exercer uma fatia do poder de governo.

Concordo que seria ingenuidade imaginar que o Congresso vá assumir tranquilamente esse poder mandatário. Sei perfeitamente que tudo passa por negociações complicadas, que misturam interesses eleitorais com necessidades públicas.

É aí que entra nosso papel. É dever da sociedade pressionar o Congresso para que ele crie mecanismos permanentes de articulação e que se pronuncie agilmente quando preciso. Nas poucas vezes em que esse peso decisivo da sociedade civil se fez sentir, o Congresso se comportou à altura. O **impeachment** de Collor e as cassações sugeridas pela CPI do Orçamento são

alguns desses episódios.

Se prestarmos atenção, há outras CPIs, como a da Infância, a da Pistolagem e a das Fraudes contra o INSS, que aportam contribuições notáveis. Há setores inteiros do Congresso trabalhando. Há deputados e senadores seríssimos em todos os partidos, sem exceção.

A sociedade civil tem o dever de dar força para esses congressistas. Fazê-los sentir que seu trabalho, embora não tenha o mesmo espaço destinado pela imprensa aos escândalos, é importantíssimo para o País.

E a sociedade civil deve, sobretudo, pressionar. Visitar os congressistas, convidá-los para reuniões em clubes e associações. Cobrar projetos, desempenho, resultados. Não esperar que o congressista venha pedir o voto para as próximas eleições. Adiantar-se e condicionar o voto ao desempenho esperado.

A imagem que o Congresso hoje passa é a de um queijo repleto de grandes buracos. Se ficarmos olhando apenas para os buracos, deixaremos de perceber o queijo. Mas se não cuidarmos e permitirmos o assalto dos ratos fisiológicos, o queijo acabará se transformando em um enorme buraco.

O AUTOR

Emerson Kapaz é coordenador-geral do PNBE e presidente da Abrinq

